A delirium Story

hana

New York Times Bestselling Author

LAUREN OLIVER

créditos

tradução e revisão:

Grupo Shadows Secrets

sinopse

No verão antes de serem curadas da habilidade para amar, as melhores amigas Lena e Hana começam a se afastar. Enquanto Lena evita música underground e festas com garotos, Hana pula em sua última chance de experimentar o proibido. Para ela, esse verão é cheio de música selvagem, dança – e até mesmo seu primeiro beijo.

Mas na superfície, Hana precisa ser um modelo de comportamento perfeito. Ela encontra seu par aprovado, Fred Hargrove, e vislumbra a vida segura, confortável que ela terá com ele quando casarem. À medida que a data de sua cura se aproxima, Hana sente falta desesperadamente de Lena, se pergunta como é estar verdadeiramente apaixonada, e está simultaneamente apavorada em se rebelar e se encaixar nos padrões.

1

Quando eu era criança minha coisa favorita sobre o inverno eram os trenós. Todas as vezes que nevava, eu convencia Lena a me encontrar no sopé da Colina Coronet, a oeste da Enseada Back, e juntas caminhávamos através dos suaves montes de neve recém caída; nossa respiração saindo em nuvens, os trenós de plástico deslizando silenciosamente atrás de nós enquanto pingentes de gelo pendurados refletiam a luz do sol e transformavam o mundo em algo novo e deslumbrante.

Do topo da colina, conseguíamos ver todo o caminho além da linha desfocada de prédios de tijolos amontoados abaixo do cais e do outro lado da baía, até as ilhas cobertas de branco ao longo da costa – Ilha Little Diamond, Ilha Peaks, com seu posto de observação – passando pelos barcos de patrulha que se arrastavam pela água cinzenta em seus caminhos para outros portos; todo o trajeto até o oceano aberto, com ondas distantes brilhando e dançando perto do horizonte.

— Hoje eu vou até a China! — gritei para o silêncio.

E Lena ficou tão branca quanto a neve presa a sua jaqueta desbotada e disse: — Shhh, Hana. Alguém pode ouvir você. — Nós não deveríamos falar sobre outros continentes, ou mesmo seus nomes. Todos esses lugares distantes e doentes, eram tão bons quanto histórias perdidas – eles implodiram, tornaram-se caóticos e desregrados, arruinados pelo *amor deliria nervosa*.

No entanto, eu tinha um mapa secreto que deixava escondido embaixo do colchão, enfiado lá junto com alguns livros que herdei do meu avô depois que ele morreu. Os reguladores vasculharam tudo que ele havia deixado a fim de garantir que nada proibido estivesse entre seus pertences, mas não devem ter notado o mapa. Dobrado e preso a uma cartilha escolar grossa, um guia de iniciante para o *Manual de SSF*, estava um mapa que deveria ser do tempo Antes. Não mostrava nenhum muro de segurança ao redor dos Estados Unidos, e caracterizava outros países também: mais países do que eu jamais imaginei, um imenso mundo de lugares danificados e doentes.

— China! — eu diria, só para incomodá-la, e para mostrar a ela que eu não tinha medo de ser ouvida pelos reguladores ou patrulheiros ou por qualquer outro. Além disso, nós estávamos sozinhas. Nós sempre estávamos completamente sós na Colina Coronet, muito íngreme e próxima da fronteira e da Casa dos Killians, supostamente assombrada pelos fantasmas de um casal doente que foram condenados a morte por resistirem durante a blitz. Existiam outros locais mais populares para andar de trenó em Portland. — Ou talvez França. Ouvi dizer que a França é adorável nesta época do ano.

— *Hana*.

— Eu só estou brincando, Lena — eu disse. — Eu nunca iria a lugar algum sem você. — E então eu me sentaria no trenó e empurro, simples assim, sentindo um agradável jato de neve contra meu rosto à medida que ganhava velocidade, com o vento frio e cortante passando por mim, e observando enquanto as árvores se transformavam em borrões. Atrás de mim, eu podia ouvir Lena gritando, mas sua voz era levada para longe pelo som do vento, do trenó deslizando pela neve e da risada solta que escapava de mim. Cada vez mais rápido, o coração acelerado e a garganta seca, apavorante e empolgante: um lençol branco sem fim de neve se erguendo para me encontrar quando a colina começava a se inverter...

Todas às vezes eu fiz um desejo: que eu pudesse decolar pelo ar. Eu seria jogada para longe do meu trenó e desapareceria dentro daquela maré brilhante e estonteante, uma onda de neve que me sugaria e me levaria para outro mundo.

Mas todas às vezes, ao invés disso, o trenó começava a desacelerar. Ele iria chacoalhar até parar completamente e eu ficaria de pé, tirando o gelo das minhas luvas e da gola da jaqueta, e me viraria enquanto Lena desacelerava, mais cuidadosamente, deixando seus pés se arrastarem para diminuir o impacto.

Estranhamente é sobre isso que eu sonho agora, o verão antes da minha cura, durante o último verão que seria verdadeiramente meu. Eu sonho sobre andar de trenó. É assim que me sinto enquanto setembro se aproxima: acelerando em direção ao dia em que não mais serei perturbada pelo *amor deliria nervosa*.

É como estar em um trenó entre o vento cortante. Eu estou sem fôlego e aterrorizada. Em breve serei engolida pela brancura e sugada para outro mundo.

Adeus, Hana.

* * * *

— Perfeito — minha mãe limpa a boca afetadamente no guardanapo e olha para Sra. Hargrove do outro lado da mesa. — Absolutamente requintado.

— Obrigada — Sra. Hargrove diz, inclinando a cabeça graciosamente, mesmo que não tenha sido ela, mas sim o cozinheiro quem preparou a refeição. Minha mãe tem uma empregada que vem três vezes na semana, mas eu nunca conheci uma família que realmente tivesse pessoal efetivo. O prefeito Hargrove e sua família tinham criados reais. Eles passavam pela sala de jantar, vertendo água nos jarros de prata, reabastecendo os pratos de pão, servindo vinho.

— Você não concorda, Hana? — minha mãe vira para mim, arregalando os olhos para que eu entenda a ordem neles.

— Absolutamente perfeito — eu respondo obediente. Minha mãe cerra superficialmente para mim e eu sou capaz de afirmar que ela está se perguntando se eu

estou rindo dela. *Perfeito* tem sido sua palavra favorita nesse verão. O desempenho de Hana durante a avaliação foi perfeito. As notas de Hana foram praticamente perfeitas. Hana foi emparelhada com Fred Hargrove – o filho do prefeito! Isso não é perfeito? Especialmente desde que, bom... Teve aquela situação com seu primeiro par... Mas tudo deu certo no final...

— Medíocre na melhor das hipóteses — Fred diz casualmente.

O prefeito Hargrove quase engasga com a água. A Sra. Hargrove suspira. — Fred!

Ele pisca para mim e eu abaixo minha cabeça, escondendo um sorriso.

— Estou brincando, mãe. Estava delicioso, como sempre. Mas talvez Hana esteja cansada de discutir a qualidade dos feijões verdes?

— Você está cansada, Hana? — Sra. Hargrove aparentemente não entendeu que ele estava brincando. Ela direciona seu olhar aquoso para mim. Agora Fred está escondendo o riso.

— De forma alguma — eu digo, tentando soar sincera. É a primeira vez que janto com os Hargroves, e meus pais tem imprimido em mim o quão é importante que eu tenha a aprovação deles.

— Por que você não leva Hana até os jardins? — O prefeito Hargrove sugere, se afastando da mesa. — Vai demorar alguns minutos para que o café e a sobremesa sejam servidos.

— Não, não. — A última coisa que eu queria era ficar a sós com Fred. Ele é legal o bastante, e graças ao arquivo com as informações sobre ele que eu recebi dos avaliadores, eu estou bem preparada para discutir sobre seus interesses (golfe, filmes, política), mas mesmo assim, ele me deixa nervosa. Ele é mais velho, mais curado e já foi emparelhado com alguém antes. Tudo sobre ele – desde as abotoaduras de prata brilhantes até a forma elegante que seu cabelo se enrola em volta da gola da camisa – me fazem sentir como uma criança pequena, estúpida e inexperiente.

Mas Fred já está de pé. — Ótima ideia — ele diz. Ele me oferece sua mão. — Vamos, Hana.

Eu hesito. Parece estranho ter contato físico com um rapaz aqui, em uma sala bem iluminada, com meus pais observando impassíveis, mas é claro, Fred Hargrove é meu par, e por isso não é proibido. Eu seguro sua mão e ele me puxa para cima, me colocando de pé. Sua mão é mais seca e áspera do que eu esperava.

Nós saímos da sala de jantar e caminhamos por um corredor coberto por painéis de madeira. Fred gesticula para que eu vá primeiro, e eu estou desconfortavelmente ciente de seus olhos no meu corpo, sua proximidade e cheiro. Ele é grande. Alto. Mais alto do que Steve Hill.

Assim que faço essa comparação, sinto raiva de mim mesma.

Afasto-me dele assim que chegamos ao quintal, e fico aliviada quando ele não me acompanha. Me apoio contra o parapeito, olhando para a vasta paisagem escura dos jardins. Pequenas lâmpadas trabalhadas em ferro iluminavam bétulas e bordos, treliças com rosas por toda parte e leitos cobertos de vermelho-sangue das tulipas. Os grilos cantarolavam. O ar cheirava a terra molhada.

— É lindo — deixo escapar.

Fred se sentou no balanço da varanda com as pernas cruzadas. Seu rosto estava quase completamente nas sombras, mas eu era capaz de dizer que ele sorria. — Mamãe gosta de jardinagem. Na verdade, eu acho que ela gosta de capinar. Juro, às vezes, penso que ela planta ervas daninhas só para poder arrancá-las novamente.

Não digo nada. Ouvi rumores de que o Sr. e Sra. Hargrove tinham relações estreitas com o presidente da América Livre de *Deliria*, um dos grupos anti-deliria mais poderosos do país. Faz sentido que ela goste de capinar, extirpar a sujeira rastejante que mancha seu jardim perfeito. Esse é o objetivo da ALD: erradicação total da doença, da sujeira sombria, das emoções distorcidas que não podiam ser reguladas ou controladas.

Sinto como se algo duro e afiado fosse enfiado na minha garganta. Eu engulo, estendendo a mão e apertando o parapeito da varanda, me reconfortando em sua aspereza e solidez.

Eu deveria ser grata. Isso é o que minha mãe me diria. Fred é bonito, rico e parece ser legal o bastante. Seu pai é o homem mais poderoso de Portland, e Fred está sendo preparado para tomar seu lugar. Mas o aperto no meu peito e garganta não vão embora.

Ele se veste como o pai.

Minha mente voa para Steve – sua risada fácil, seus dedos longos e bronzeados deslizando por minha coxa – e a imagem desaparece bruscamente.

— Eu não mordo, sabe — Fred diz delicadamente. Eu não tinha certeza se esse comentário era um convite para me aproximar, mas eu continuo onde estava.

— Eu não conheço você — digo. — E eu não estou acostumada a falar com rapazes. — Isso não é realmente verdade, não desde que Angélica e eu descobrimos o subterrâneo, mas é claro que ele não pode saber disso.

Ele abre as mãos em um gesto convidativo. — Eu sou um livro aberto. O que você quer saber?

Desvio os olhos dele. Eu tenho muitas perguntas: *O que você gostava de fazer antes de ser curado? Você tem uma hora favorita do dia? Como era seu primeiro par e o que deu errado?*

Mas nenhuma delas é apropriada. E, de qualquer forma, ele não me responderia, ou responderia do jeito que lhe ensinaram.

Quando Fred percebe que eu não vou falar, ele suspira e fica de pé. — Você, por outro lado, é um completo mistério. Você é muito bonita. Deve ser inteligente. Você gosta de correr e é presidente do time de debate. — Ele atravessa a varanda em minha direção e se inclina contra a grade. — Isso é tudo que sei.

— Isso é tudo que se tem para saber — digo forçadamente. Aquela coisa dura na minha garganta só aumentava. Mesmo o sol tendo baixado uma hora atrás, ainda estava muito quente. Me vi imaginando, aleatoriamente, o que Lena estaria fazendo naquela noite. Ela deve estar em casa, era quase hora do toque de recolher. Provavelmente lendo um livro ou jogando com Grace.

— Inteligente, bonita e simples — Fred diz. Ele sorri. — Perfeita.

Perfeita. Lá está aquela palavra de novo: como uma porta trancada – sufocante.

Fui distraída por um movimento no jardim. Uma das sombras estava se movendo e então, antes que eu conseguisse gritar ou alertar Fred, um homem surge das árvores, carregando um enorme rifle militar. Então eu grito, instintivamente. Fred se vira e começa a rir.

— Não se preocupe — ele diz. — É só Derek. — Como eu continuei encarando-o, ele explicou. — Um dos guardas do papai. Reforçamos a segurança recentemente. Surgiram rumores... — ele disfarça.

— Rumores sobre o que? — eu o incito.

Ele evita olhar nos meus olhos. — Provavelmente é exagero — ele diz casualmente. — Mas algumas pessoas acreditam que os movimentos da resistência estão aumentando. Nem todos acreditam que os Inválidos... — ele estremece quando diz essa palavra, como se o machucasse, — foram erradicados durante a blitz.

Resistência. Inválidos. Um formigamento começa a surgir no meu corpo, como se eu tivesse sido ligada a uma tomada.

— Meu pai não acredita nisso, é claro — Fred termina sem rodeios. — Mesmo assim é melhor prevenir do que remediar, certo?

Mais uma vez eu fico em silêncio. Me pergunto o que Fred faria se descobrisse sobre o subterrâneo, e sabendo que eu havia passado o verão nas proibidas, não segregadas festas na praia e shows. Me pergunto o que ele faria se soubesse que na semana passada deixei um rapaz me beijar, deixei que ele explorasse meu corpo com seus dedos – ações insultantes e reveladoras.

— Você gostaria de descer até os jardins? — Fred perguntou percebendo que o assunto me perturbara.

— Não — eu digo, de forma tão rápida e firme que ele parece surpreso. Eu respiro fundo e tento sorrir. — Quero dizer, eu preciso usar o banheiro.

— Mostro a você onde é — Fred diz.

— Não, por favor. — Não consigo tirar a urgência da minha voz. Jogo meu cabeço por cima do ombro, dizendo a mim mesma para retomar o controle, e sorrio de novo, mais amplamente dessa vez. — Fique aqui. Aproveite a noite. Eu posso encontrar o banheiro sozinha.

— E auto-suficiente também — Fred diz com uma risada.

No caminho para o banheiro, ouço o som de vozes vindas da cozinha – um dos criados, eu presumo – e estou prestes a continuar andando quando escuto a Sra. Hargrove dizer a palavra *Tiddles* claramente. Meu coração para. Eles estão falando da família de Lena. Aproximo-me da porta da cozinha, que estava entreaberta, com certeza estou imaginando coisas.

Mas então minha mãe diz: — Bem, nunca quisemos que a pequena Lena se sentisse constrangida por causa do resto da família dela. Uma ou duas maçãs podres.

— Uma ou duas maçãs podres podem significar que toda a árvore está condenada. — Sra. Hargrove diz afetadamente.

Sinto uma onda de raiva e alarme – elas estão falando sobre Lena. Por um segundo eu me imagino chutando a porta da cozinha bem na cara afetada da Sra. Hargrove.

— Ela é uma garota adorável, realmente — minha mãe insiste. — Ela e Hana são inseparáveis desde pequenas.

— Você é muito mais compreensiva do que eu — Sra. Hargrove diz. Ela pronuncia *compreensiva* como se estivesse dizendo, na verdade, *idiota*. — Eu nunca teria permitido que Fred andasse com alguém cuja família tem sido tão... podre. O sangue chama, não chama?

— A doença não é passada pelo sangue — minha mãe diz delicadamente. Sinto um desejo selvagem de atravessar a porta e abraçá-la. — Essa é uma ideia antiga.

— Ideias antigas são muito frequentemente baseadas em fatos — Sra. Hargrove responde rigidamente. — Além disso, simplesmente não conhecemos todos os fatores, conhecemos? Certamente uma exposição muito cedo...

— Claro, claro — minha mãe diz rapidamente. Sou capaz de perceber que ela estava ansiosa por acalmar a Sra. Hargrove. — É tudo muito complicado, eu admito. Harold e eu sempre tentamos deixar com que as coisas progredissem naturalmente. Nós

achávamos que em algum momento as garotas se separariam. Elas são muito diferentes, não combinam em tudo. Eu estou realmente surpresa que a amizade delas tenha durado tanto tempo — minha mãe para. Consigo sentir meus pulmões trabalhando dolorosamente, como se eu tivesse sido mergulhada dentro da água gelada. — Mas, apesar de tudo, nós estávamos certos — minha mãe continua. — As garotas mal se falaram nesse verão. Então veja, no final, deu tudo certo.

— Bom, *isso* é um alívio.

Antes que eu me mexesse ou reagisse, a porta da cozinha foi aberta e fui pega congelada, parada diretamente em frente a porta. Minha mãe deixou escapar um gemido, mas a Sra. Hargrove não parecia surpresa ou constrangida.

— Hana! — ela gorjeia, sorrindo para mim. — Que sincronia *perfeita*. Estávamos prestes a servir a sobremesa.

* * * *

De volta para casa, me tranquei em meu quarto e fui capaz de respirar normalmente pela primeira vez na noite.

Arrastei uma cadeira até a janela. Se eu pressionar meu rosto no vidro, consigo ver a casa de Angélica Marston. A janela do quarto dela estava escura. Senti uma pontada de decepção. Precisava fazer alguma coisa hoje. Sentia uma agonia sobre a pele, uma eletricidade, uma sensação de nervoso, eu precisava sair, precisava me *mexer*.

Fiquei de pé e comecei a andar pelo quarto, pegando o celular que estava em cima da cama. Era tarde – quase onze da noite – mas por um momento, pensei em ligar para Lena. Não nos falamos há exatos oito dias, desde a noite que ela veio para a festa da Fazenda Roaring Brook. Ela deve ter ficado horrorizada com a música e com as pessoas: rapazes e garotas não curados, juntos. Ela parecia horrorizada. Ela olhou para mim como se eu já estivesse doente.

Abri o celular e digitei os três primeiros dígitos do número dela. E então o fechei novamente. Eu havia deixado mensagens para ela – duas ou três, provavelmente, e ela não retornou nenhuma das minhas ligações.

Além disso, ela provavelmente está dormindo e sem dúvida eu vou acabar acordando sua tia, Carol, que sem dúvida vai achar que tem algo de errado. E eu não posso contar a Lena sobre Steve Hilt – não quero assustá-la, e pelo que sei, ela iria me denunciar. Não posso contar o que estou sentindo agora, também: que minha vida está, aos poucos, se apertando ao meu redor, como se eu andasse por vários quartos que ficam cada vez menores. Ela me diria quão sortuda eu deveria me sentir, quão grata eu deveria estar por minhas notas na avaliação.

Jogo meu celular na cama. Quase imediatamente ele toca: uma nova mensagem de texto. Meu coração dá um pulo. Poucas pessoas têm o meu número, somente algumas até mesmo têm um celular. Pego o celular de novo e o abro. A ansiedade fazendo meus dedos tremerem.

Eu sabia. A mensagem é de Angélica.

Não consigo dormir. Pesadelos estranhos – eu estava na esquina da Washington com a Oak e quinze coelhos tentavam me levar para uma festa de chá. Não posso esperar para ser curada!

Todas as nossas mensagens sobre o subterrâneo precisavam ser cuidadosamente codificadas, mas essa era fácil o bastante de ser decifrada. Deveríamos nos encontrar na esquina da Washington com a Oak em quinze minutos.

Nós iríamos para uma festa.

2

Para chegar às Highlands eu precisava sair da península. Evito seguir pela Rua St. John, mesmo que me leve direto até o Congresso. Houve um surto de *deliria* naquela área há cinco anos – quatro famílias foram afetadas, quatro curas prematuras foram feitas. Desde então, toda a rua está marcada e sempre é alvo de reguladores e patrulhas.

A ânsia sobre minha pele se tornou algo constante, vibrando com força, uma necessidade em minhas pernas, braços e dedos. Eu mal conseguia pedalar rápido o bastante. Eu precisava me obrigar a não extrapolar. Precisava ficar alerta e prestar atenção, no caso de existir algum regulador por perto. Se eu fosse pega na rua depois do toque de recolher, teria um monte de perguntas para responder e isso – meu último verão como eu mesma, meu último verão de liberdade – iria acabar rapidamente. Eu seria jogada nos laboratórios até o fim da semana.

Por sorte, cheguei até as Terras Altas sem nenhum imprevisto. Diminui, analisando as placas enquanto passava, tentando decifrar letras no escuro. As Terras Altas eram uma confusão de estradas diferentes e becos sem saída, e eu nunca me lembro de todos. Passei pela Brooks e Stevens, Tanglewild e Avenida Crestview e então, confusamente, pela Crestview Circle. Pelo menos a lua estava cheia e pairava quase diretamente acima de mim. Essa noite, o homem na lua parecia sorrir ou piscar: uma lua com segredos.

Então eu avistei a Oak. Mesmo que eu estivesse pedalando muito devagar agora, meu coração batia acelerado, sentia como se ele fosse escapar pela minha boca se eu tentasse dizer qualquer coisa. Evitei pensar em Steve a noite toda, mas agora, enquanto me aproximo, não posso evitar. Talvez ele vá estar aqui hoje. Talvez, talvez, talvez. A ideia, o pensamento dele – invadia minha consciência. Não havia como reprimi-lo.

Enquanto descia da minha bicicleta, instintivamente tateei meu bolso de trás procurando o bilhete que carregava comigo para todo lugar nas últimas duas semanas, depois de encontrá-lo cuidadosamente dobrado em cima da minha bolsa de praia.

Eu gosto do seu sorriso. Quero que você saiba disso. Sessão de estudos hoje à noite – ciências naturais. Você tem aula com o Sr. Roebling, certo? – SH

Steve e eu nos vimos em algumas festas do subterrâneo no começo do verão, e uma vez quase nos falamos depois que eu esbarrei nele e derramei refrigerante em seus sapatos. E depois, durante o dia, começamos a nos encontrar: na rua, no Baile Oriental. Ele sempre olhava nos meus olhos e, por um segundo, sorria para mim. Aquele dia – o dia do bilhete – eu pensei tê-lo visto piscar. Mas eu estava com Lena e ele estava com os amigos na sessão de fora da praia. Nenhuma chance dele se aproximar e falar comigo. Eu ainda

não sabia como ele conseguiu colocar o bilhete na minha bolsa, ele deve ter esperado até que a praia estivesse quase vazia.

Sua mensagem também era em código. A *sessão de estudo* era um convite para um show; *ciências naturais* significava que seria em uma das fazendas – Fazenda Roebling, para ser exata.

Naquela noite nós fugimos do show, caminhamos até o campo vazio e deitamos, lado a lado na grama com nossos cotovelos se tocando, olhando para as estrelas. Em algum momento, ele deslizou um dente de leão da minha testa até meu queixo e lutei contra o desejo desesperado de rir.

Aquela foi a noite em que ele me beijou.

Meu primeiro beijo. Um novo tipo de beijo, como o novo tipo de música ainda tocando, suavemente, à distância – selvagem, arrítmico e desesperado. Apaixonado.

Desde então, eu só consegui vê-lo duas vezes, e em ambas estávamos em locais públicos e não podíamos fazer mais do que acenar um para o outro. Isso era pior, pensei, do que não vê-lo de forma alguma. Essa também era uma agonia – o desejo de vê-lo, de beijá-lo novamente, de deixá-lo colocar seus dedos no meu cabelo – era um monstruoso, constante, rastejante sentimento no meu sangue e ossos.

Era pior do que uma doença. Era um veneno.

E eu gostava.

Se ele estiver aqui essa noite – *por favor, esteja aqui essa noite* – eu vou beijá-lo de novo.

Angélica esperava por mim na esquina da Washington e Oak, como prometido. Ela estava parada nas sombras de um bordo imponente, e por um segundo, quando ela saiu da escuridão – cabelos escuros, olhos sombrios – eu imaginei que era Lena. Mas então a luz da lua iluminou seu rosto e a imagem de Lena sumiu. O rosto de Angélica tinha ângulos afiados, especialmente seu nariz, que é apenas um pouco longo demais e empinado. Eu acho que esse é o motivo pelo qual eu não gostei dela por muito tempo – seu nariz a faz parecer que ela está sempre sentindo algum cheiro ruim.

Mas ela me entende. Ela entende o que é se sentir encurralada e ela entende a necessidade de escapar.

— Você está atrasada. — Angélica diz, mas ela estava sorrindo.

Hoje a noite não há música. Enquanto cruzávamos o gramado em direção a casa, uma risada abafada quebra o silêncio, seguida pelo som repentino de vozes.

— Cuidado — Angie diz quando entramos na varanda, — o terceiro degrau está podre.

Eu pulo o degrau como ela fez. A madeira da varanda é velha e geme com o nosso peso. Todas as janelas estavam bloqueadas, e os contornos suaves de um grande X ainda são visíveis, apagados pelo tempo e pelos anos. Essa casa, um dia, já foi lar da doença. Quando nós éramos pequenos, costumávamos desafiar uns aos outros a andar pelas Terras Altas, a ficar parado pelo maior tempo possível com as mãos na porta da casa condenada. Os rumores eram de que os espíritos mal assombrados das pessoas que morreram de *amor deliria nervosa* ainda caminhavam pelas ruas e iriam contaminar você com a doença pela invasão.

— Nervosa? — Angie perguntou, sentindo-me tremer.

— Estou bem — digo, e abro a porta antes dela, entrando primeiro.

Por um segundo, enquanto passávamos pelo corredor, um silêncio repentino tomou conta do lugar, um momento de tensão, enquanto todos dentro da casa congelavam. Então eles viram que estava tudo bem, que não éramos reguladores ou policiais, e a tensão vai embora. Não tinha eletricidade e a casa estava cheia de velas – colocadas em pires, em latas de Coca vazias, diretamente no chão – sua luz fazendo as paredes tremularem e transformando as pessoas em sombras. E eles, as pessoas-sombras, estavam em todos os lugares: amontoadas nos cantos e em algumas peças remanescentes de mobília, em outras salas vazias, nos corredores, sentados nas escadas. Mas estava surpreendentemente silencioso.

Quase todos, eu notei, estavam com alguém. Rapazes e garotas entrelaçados, de mãos dadas e tocando os cabelos e rostos uns dos outros, rindo silenciosamente, fazendo todas as coisas que eram proibidas no mundo real.

Uma grito de ansiedade começou a soar dentro de mim. Nunca estive em nenhuma festa como essa. Eu praticamente podia *sentir* a presença da doença: o formigamento das paredes, a energia e tensão – como milhares de insetos em seu ninho.

Ele tem que estar aqui.

— Por aqui. — Angie instintivamente baixou sua voz para um sussurro. Ela me guiou para os fundos da casa, e pela forma que ela andava de um cômodo ao outro, mesmo sob a luz fraca e mutável, eu era capaz de afirmar que ela já estivera aqui várias vezes antes. Entramos na cozinha antiga. Mais velas iluminavam os contornos dos armários vazios, um fogão, uma geladeira escura sem porta cujas prateleiras estavam manchadas de mofo. O cômodo tinha um cheiro rançoso, uma mistura de suor e mofo. No meio da cozinha tinha uma mesa com algumas garrafas empoeiradas de bebida, e várias garotas estavam de pé desajeitadamente apoiadas contra um balcão enquanto do outro lado um grupo de rapazes fingia não notá-las.

Eu analisei os rostos dos rapazes, esperando que Steve estivesse entre eles. Mas ele não estava.

— Você quer alguma coisa para beber? — Angie pergunta.

— Água — digo. Minha garganta estava seca, e estava muito quente na casa. Eu quase desejava não ter saído de casa. Não sei o que deveria fazer agora que estou aqui e não tem ninguém com quem eu queira falar. Angie já estava servindo alguma bebida para ela, e eu sei que em breve ela vai desaparecer na escuridão com um rapaz. Ela não parece nem um pouco deslocada ou ansiosa, e por um segundo eu sinto um lampejo de medo por ela.

— Não tem água — Angie diz me entregando um copo. Tomo um gole do que ela me serviu e faço uma careta. É doce, mas tem o sabor pungente de gasolina.

— O que é isso? — pergunto.

— Quem sabe? — Angie sorri e toma um gole do seu copo. Talvez ela esteja nervosa. — Vai ajudar você a se soltar.

— Eu não preciso... — eu começo a dizer, mas então eu sinto uma mão na minha cintura, minha mente fica em branco e me vejo virando sem ter pensado em fazer isso.

— Oi — Steve diz para mim.

Durante o segundo que eu demoro a entender que ele está aqui, é real e está falando comigo, ele se inclina e pressiona sua boca contra a minha. Essa é apenas a segunda vez que eu sou beijada e entro em pânico por um segundo quando esqueço o que eu deveria fazer. Eu sinto a língua dele pressionando a minha e me contraio, surpresa, derramando um pouco da minha bebida. Ele se afasta, rindo.

— Feliz em me ver? — ele pergunta.

— Oi para você também — digo. Eu ainda podia sentir o gosto da língua dele na minha boca – ele tinha bebido alguma coisa azeda. Tomo outro gole da minha bebida.

Ele se inclina e aproxima a boca da minha orelha. — Estava torcendo para que você viesse — ele diz em voz baixa. Um calor se espalha pelo meu peito.

— Sério? — digo. Ele não responde. Ele segura minha mão e me arrasta para fora da cozinha. Olho ao redor para avisar a Angélica que iria voltar, mas ela sumiu. — Onde estamos indo? — pergunto, tentando soar despreocupada.

— É uma surpresa — ele diz.

O calor no meu peito se espalhou para minha cabeça agora. Andamos através de uma sala ampla cheia de mais pessoas-sombras, mais velas e mais formas tremeluzentes nas paredes. Coloco minha bebida sobre o braço de um sofá puído. Uma garota com o cabelo curto e espetado estava enroscada no colo de um rapaz; ele acariciava o pescoço dela e seu rosto estava escondido. Mas ela olha para mim enquanto eu passava e fico momentaneamente assustada: eu a reconheço. Ela tem uma irmã mais velha que estuda no

St. Ana, Rebecca Sterling, uma garota da qual eu era colega. Lembro que ela me contou que sua irmã mais nova preferiu ir para o Edison porque lá era maior.

Sarah. Sarah Sterling.

Duvido que ela tenha me reconhecido, mas ela abaixa os olhos rapidamente.

No final da sala tinha uma porta de madeira. Steve passa por ela e nós emergimos em uma varanda ainda mais decadente do que a da frente. Alguém colocou um lampião aqui – talvez Steve? – iluminando os espaços entre as vigas de madeira, lugares onde a madeira já havia apodrecido completamente.

— Cuidado — ele diz quando tropeço e afundo meu pé em um dos locais apodrecidos.

— Eu consigo — respondo, mas fico grata por ele segurar minha mão com mais firmeza. Digo a mim mesma que isso era o que eu queria – o que esperava para essa noite, mas de algum jeito a certeza ficava escapando de mim. Ele pega o lampião antes de sairmos da varanda e o carrega, balançando em sua mão livre.

Depois de um trecho coberto por grama que chegava a altura dos joelhos e estava coberta por umidade, nós chegamos a um pequeno gazebo branco com bancos alinhados por toda área. Em alguns locais, flores selvagens conseguiram achar seu caminho pelo tablado que formava o chão. Steve me ajudou a subir nele – que se elevava alguns centímetros do chão, se existia uma escada em algum lugar, há muito já desaparecera – e depois me seguiu.

Testei um dos bancos. Pareceu firme o bastante, então me sentei. Os grilos cantavam trêmulos e constantes, e o vento carregava o cheiro de terra molhada e flores.

— É lindo — eu digo.

Steve senta perto de mim. Eu fico desconfortavelmente ciente de cada parte de nossos corpos que se tocavam: joelhos, cotovelos, antebraços. Meu coração acelerou e mais uma vez, eu estava tendo problemas para respirar.

— Você é linda — ele diz. Antes que eu possa reagir, ele segura meu queixo com uma das mãos me puxando para ele, e então nos beijamos novamente. Dessa vez eu me lembro de beijá-lo de volta, de mover minha boca contra a dele e não fico tão surpresa quando a língua dele encontra o interior da minha boca, mesmo assim o sentimento ainda é estranho e não completamente agradável. Ele respirava pesadamente, torcendo seus dedos pelos meus cabelos, então eu acho que ele deve estar se divertindo – eu devo estar fazendo isso do jeito certo.

Seus dedos tocam levemente minha coxa e então, aos poucos, ele abaixa a mão e começa a massagear minha coxa, indo em direção aos meus quadris. Toda minha sensibilidade e concentração fluem para aquele ponto e para a forma como minha pele

reage, como se estivesse queimando em resposta ao seu toque. Isso deve ser *deliria*. Não é? Deve ser assim que o amor parece, o qual todos me advertiram a respeito. Minha mente girava inutilmente e eu tentava lembrar os sintomas de *deliria* listados no *Manual de SSF*, enquanto a mão de Steve subia cada vez mais e sua respiração ficava cada vez mais desesperada. Sua língua estava tão fundo na minha boca que eu me preocupei em engasgar.

De repente tudo que eu consigo pensar é uma linha do Livro das Lamentações: *Nem tudo que brilha é outro; e mesmo lobos podem sorrir; e tolos serão guiados por promessas às suas mortes.*

— Espere — digo me afastando dele.

— O que foi? — Steve desliza seu dedo pela minha bochecha até meu queixo. Seus olhos fixos na minha boca.

Preocupação, dificuldade em se concentrar. Finalmente consigo lembrar os sintomas. — O que você pensa de mim? — digo abruptamente. — Quero dizer, você pensa em mim?

— Todo o tempo. — Sua resposta vem rápido, fácil. Isso deveria me fazer sentir bem, mas eu me sinto mais confusa do que nunca. De alguma maneira eu sempre imaginei que eu saberia se a doença estivesse se enraizando – que eu sentiria instintivamente, uma mudança profunda no meu sangue. Mas isso era simplesmente tensão, e ansiedade e uma ocasional explosão de algum sentimento bom.

— Relaxe, Hana — ele diz. Ele beija meu pescoço e move sua boca até minha orelha, eu tento fazer o que ele disse e liberar o calor no meu peito e estômago. Mas não consigo parar as dúvidas; elas surgem, pressionando de perto no escuro.

— O que vai acontecer conosco? — digo.

Ele se afasta suspirando e esfrega os olhos. — Eu não sei o que você... — ele começa e então para com uma pequena exclamação. — Puta merda! Olhe, Hana. Vagalumes.

Eu me viro na direção que ele indicava. Por um segundo, eu não vejo nada. Então todos de uma vez, explodem em luzes claras no ar, um após o outro. Enquanto eu olhava, mais e mais deles surgiam da escuridão, breves luzes brilhantes piscando em torno um do outro, depois mergulhando novamente nas sombras, um padrão hipnótico de iluminação e extinção.

Saída do nada, eu sinto uma forte onda de esperança, e me vejo rindo. Alcanço a mão de Steve e entrelaço meus dedos nos dele. — Talvez isso seja um sinal — digo.

— Talvez — ele diz e se inclina para me beijar novamente e assim minha pergunta *O que vai acontecer conosco?* fica sem resposta.

3

Acordei com a cegante luz do sol e uma dor lancinante na cabeça; esqueci de fechar as cortinas noite passada. Minha boca tinha um gosto azedo. Andei desajeitadamente até o banheiro, escovei os dentes e lavei o rosto. Quando me endireitei, eu vi: uma mancha roxa azulada no meu pescoço, bem abaixo da minha orelha direita, uma pequena constelação de micro vasos machucados e quebrados.

Não acredito nisso. Ele me deu um Beijo do diabo.

Nós sempre somos checados para beijos na escola; temos que ficar em fila com nossos cabelos para trás enquanto o Sr. Brinn examinava nosso colo, pescoço, clavículas, ombros. O Beijo do diabo é um sinal de atividade ilegal – e um sintoma também, da doença criando raízes, se espalhando pelo nosso sistema sanguíneo. Ano passado, quando Willow Marks foi pega no parque Deering Oaks com um rapaz que não era curado, os rumores contam que ela ficou sob vigilância por semanas, depois que seus pais descobriram um Beijo do diabo em seu ombro. Willow foi tirada da escola para ser curada oito meses antes do programado, e eu não a vi desde então.

Remexi dentro do armário do banheiro, e por sorte encontrei um tubo velho de base e um corretivo. Cobri a mancha com a maquiagem até que não fosse mais do que um ponto azul fraco na minha pele, depois arrumei meu cabelo em um coque lateral bagunçado bem abaixo da minha orelha. Vou precisar ser bastante cuidadosa nos próximos dias, eu estou ostentando uma marca da doença. A ideia é ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante.

Meus pais estavam no andar de baixo, na cozinha. Meu pai assistia as notícias da manhã. Mesmo sendo domingo, ele está vestido para trabalhar e comendo em pé, uma tigela de cereal. Minha mãe estava ao telefone, enrolando o fio do aparelho com o dedo, fazendo um som de consentimento ocasionalmente. Eu sei imediatamente que ela deve estar falando com Minnie Phillips. Meu pai assiste ao noticiário, minha mãe liga para Minnie por informações. Mrs. Phillips trabalha no departamento de registros e seu marido é policial, por isso os dois juntos sabem de tudo que acontece em Portland.

Quase tudo, quero dizer.

Penso nos quartos escuros e confusos cheios de não curados da noite passada – todos se tocando, sussurrando, respirando o ar uns dos outros – e sinto uma onda de orgulho.

— Bom dia, Hana — meu pai diz sem tirar os olhos da televisão.

— Bom dia. — Tomo cuidado em manter meu lado esquerdo virado para ele enquanto deslizo para uma das cadeiras da mesa e encho a mão de cereal.

Donald Seigal, o secretário de informações do prefeito, estava sendo entrevistado na televisão.

— Histórias sobre uma resistência são amplamente exageradas — ele dizia simplesmente. — Mesmo assim, o prefeito não é ignorante quanto a preocupação da comunidade... Novas medidas serão tomadas...

— Inacreditável — minha mãe disse enquanto desligava o telefone. Ela pega o controle remoto e coloca a televisão no mudo. Meu pai faz um som de irritação. — Você sabe o que Minnie acabou de me contar?

Eu luto contra a vontade de rir. Eu sabia. Essa é uma das coisas sobre os que já foram curados: eles são previsíveis. Esse é, supostamente, um dos benefícios do procedimento.

Minha mãe continuou, sem esperar por uma resposta. — Aconteceu *outro* incidente. Uma garota de quatorze anos dessa vez, e um rapaz da CPHS. Eles foram pegos se esgueirando pelas ruas às três da manhã.

— Quem era? — meu pai perguntou. Ele havia desistido das notícias e agora lavava sua tigela na pia.

— Uma das garotas Sterling. A mais nova, Sarah. — Minha mãe observa a reação do meu pai. Quando ele não reage, ela diz, — Você se lembra de Colin Sterling e sua esposa. Almoçamos com eles no Spitalnys em março.

Meu pai solta um grunhido.

— Terrível para eles... — minha mãe para abruptamente, virando para mim. — Você está bem, Hana?

— Eu... eu acho que engoli do jeito errado — eu engasgo e me levanto para pegar um copo d'água. Meus dedos tremiam.

Sarah Sterling. Ela deve ter sido pega quando voltava da festa, e por um segundo eu tive um pensamento terrível e egoísta: *Graças a Deus não fui eu.* Tomo um gole longo e devagar de água, esperando meu coração desacelerar. Queria perguntar o que aconteceu com Sarah – o que iria acontecer – mas eu não confiava em mim mesma para falar. Além disso, essas histórias sempre acabam do mesmo jeito.

— Ela vai ser curada, é claro — minha mãe encerra, como se tivesse lido minha mente.

— Ela é muito nova — eu deixo escapar. — Não existe nenhuma possibilidade disso funcionar.

Minha mãe vira para mim calmamente. — Se você é velha o bastante para pegar a doença, você é velha o bastante para ser curada — ela diz.

Meu pai ri. — Em breve você vai se voluntariar para o CCD. Por que não operar nossas crianças também?

— Por que não? — minha mãe dá de ombros.

Eu levanto me apoiando contra a mesa da cozinha quando uma onda negra varre minha mente, escurecendo minha visão. Meu pai pega o controle remoto e liga o som da televisão. Agora é o pai de Fred, Prefeito Hargrove, cuja imagem entra em foco.

— *Eu repito, não existe nenhum risco de um dito* movimento de resistência *ou nenhuma disseminação significante da doença* — ele dizia. Saio rapidamente para o corredor. Minha mãe diz alguma coisa para mim, mas eu estava muito focada no som da voz de Hargrove. — *Agora, mais do que nunca, declaramos política de tolerância zero a perturbações ou qualquer dissidência* — para ouvir qualquer coisa que ela dissesse. Subo as escadas dois degraus de cada vez e me tranco no meu quarto, desejando mais do que nunca que minha porta tivesse fechadura.

Mas privacidade trás segredos e segredos leva à doença.

Minhas mãos suavam enquanto eu pegava meu celular e ligava para Angélica. Eu estava desesperada para falar com alguém sobre o que aconteceu com Sarah Sterling – preciso que Angélica me diga que está tudo bem, que nós estamos a salvo, e que o subterrâneo não será descoberto – mas precisamos ter cuidado com o que falamos, sempre em código. Todas as nossas ligações são reguladas e gravadas, periodicamente, pela cidade.

O celular de Angélica cai direto na caixa postal. Ligo para casa dela, que só chama. Sinto uma onda de pânico: por um segundo, eu me preocupo que ela tenha sido pega também. Talvez nesse instante, ela esteja sendo levada aos laboratórios, amarrada para seu procedimento.

Mas não. Ela mora algumas portas de mim. Se Angélica tivesse sido pega, eu saberia disso.

O desejo estava lá, súbito e esmagador: eu preciso ver Lena. Preciso falar com ela, confessar tudo, contar a ela sobre Fred Hargrove, que já teve e desistiu de um par, e da sua mãe obsessiva com casamento, e Steve Hilt, e o Beijo do Diabo, e Sarah Sterling. Ela vai me fazer sentir melhor. Ela vai saber o que eu deveria fazer – o que eu deveria *sentir*.

Dessa vez desço na ponta dos pés; não quero ter que explicar aos meus pais onde estou indo. Pego minha bicicleta na garagem, onde eu escondi depois de voltar para casa noite passada. Uma fita lilás estava amarrada ao redor do punho esquerdo do guidão. Lena e eu temos a mesma bicicleta, e alguns meses atrás começamos a usar as fitas para

diferenciá-las. Depois da nossa briga, eu arranquei a fita e a deixei no fundo da minha gaveta de meias. Mas o guidão ficou parecendo triste e nu, então eu precisei recolocá-la.

Era pouco depois das onze horas, e o ar estava quente e úmido. Mesmo as gaivotas pareciam voar mais devagar; elas derivavam pelo céu sem nuvens, praticamente imóveis como se estivessem suspensas em um líquido azul. Quando cheguei em West End com seu abrigo protetor de carvalhos antigos e sombreados, e suas ruas estreitas, o sol estava quase insuportável, alto e implacável, como se uma imensa lupa tivesse sido posta em cima de Portland.

Faço questão de passar pelo Governador, a estátua antiga localizada no meio da praça de paralelepípedos próxima a Universidade de Portland, que Lena irá tentar entrar no outono. Costumávamos correr juntas ao redor do Governador regularmente, e criamos o hábito de nos esticarmos para bater em sua mão estendida. Eu sempre fazia um pedido simultaneamente, e agora, mesmo que eu não tenha parado para cumprimentá-lo, esfrego um dedo na base da estátua para boa sorte enquanto passava. *Eu desejo...* penso, mas não vou além. Eu não sei exatamente o que desejar: para estar segura ou não, para as coisas mudarem ou ficarem do mesmo jeito.

Demoro mais do que o normal para chegar até a casa de Lena. Um caminhão de lixo quebrara no final da Rua Congress, e a polícia estava redirecionando as pessoas pela Chestnlle e Cut, e ao redor da Cumberland. Quando finalmente chego a rua de Lena, eu estava suando e quando ainda estou a alguns metros da casa paro para beber água e molhar o rosto em um bebedor. Perto do bebedor tem uma parada de ônibus, com um aviso sobre o toque de recolher – DE SEGUNDA A QUINTA, 21:00h; SÁBADOS E DOMINGO, 21:30h – e quando me aproximo para acorrentar minha bicicleta, percebo que o vidro da área de espera estava forrado com panfletos. Eles eram todos iguais e estampava o brasão de Portland acima de letras em negrito.

A segurança de um é dever de todos.

Mantenha seus olhos e ouvidos abertos.

Denuncie todas as atividades suspeitas ao Departamento de Higienização e Segurança.

Se você ver alguma coisa, diga alguma coisa.

*** *** Recompensa de R$1.000 para todas as denúncias de atividades ilícitas ou inapropriadas.***

Fico parada por alguns minutos, lendo as palavras de novo e de novo, como se elas fossem, de repente, significar algo diferente. As pessoas sempre denunciaram comportamentos suspeitos, claro, mas nunca com uma recompensa em dinheiro. Isso vai

deixar tudo difícil, muito mais difícil, para mim, Steve, para todos nós. Mil reais é muito dinheiro para a maioria das pessoas, hoje em dia – uma quantia que a maioria das pessoas não ganha em uma semana.

Uma porta bate e eu pulo, quase derrubando minha bicicleta. Percebo, pela primeira vez, que toda a rua está coberta de panfletos. Eles estavam presos em portões e caixas de correio, em postes e latas de lixo.

Um movimento na varanda de Lena chama minha atenção. De repente ela aparece, usando uma camiseta muito grande da loja do tio. Ela deveria estar a caminho do trabalho. Ela para, analisando a rua – eu acho que seus olhos pararam em mim e eu aceno hesitante, mas seus olhos continuam seguindo, olhando para além de mim, e depois analisando a rua na outra direção.

Eu estou prestes a chamá-la quando sua prima Grace aparece correndo pela varanda. Lena ri e segura Grace. Lena parece feliz, despreocupada. Sou pega por uma dúvida repentina: me ocorreu que Lena pode não estar sentindo minha falta. Talvez ela não tenha pensado em mim; talvez ela esteja perfeitamente feliz em não falar comigo.

Afinal, não é como se ela tivesse tentado me ligar.

Quando Lena começa a descer a rua, com Grace balançando-se ao seu lado, me viro e subo na bicicleta. Agora eu estou desesperada para sair daqui. Não quero que ela me veja. O vento sopra todos aqueles panfletos, as exortações de segurança. Os panfletos sobem e voam em uníssono, como mil pessoas acenando com seus lenços brancos, mil pessoas dando adeus.

4

Os panfletos foram apenas o começo. Percebi que, nas ruas, tinham mais reguladores do que o normal, e corriam rumores – nem confirmados ou desmentidos pelo Sr. Hargrove, o qual veio até nossa casa entregar um cachecol que minha mãe esquecera – que em breve teria uma batida policial surpresa. O prefeito Hargrove era irredutível – tanto na televisão quanto quando nós fomos jantar novamente com sua família, dessa vez no clube de golfe que eles frequentavam – em afirmar que não existia nenhuma proliferação da doença e nenhum razão para nos preocuparmos. Mas os reguladores, as recompensas oferecidas e os rumores sobre uma possível batida, contavam uma história diferente.

Durante dias não houve nenhum indício de outra festa clandestina. Toda manhã eu aplicava base para esconder o Beijo do Diabo no meu pescoço, até que ele desaparecesse, me deixando ao mesmo tempo aliviada e triste. Não vi Steve Hilt em lugar algum – nem na praia, em Back Cove ou perto de Old Port – e Angélica tem andado distante e reservada, contudo, ela conseguiu me enviar um bilhete explicando que seus pais estavam sendo mais atenciosos, vigiando-a constantemente desde as notícias da exposição de Sarah Sterling's a *deliria*.

Fred me levou para jogar golfe. Eu não sei jogar, então, ao invés disso eu o segui enquanto ele atirava bolas em uma partida quase perfeita. Ele era charmoso e cortês, e fazia um trabalho semidescente fingindo que estava interessado no que eu tinha para dizer. As pessoas se viravam para nos olhar quando passávamos. Todos conheciam Fred. Um homem o cumprimentou entusiasmadamente, perguntou por seu pai e o parabenizou por ter sido pareado, entretanto, nenhum deles disse uma palavra sobre sua primeira esposa. A esposa desse homem me encarava com um ressentimento franco e indisfarçável.

Eu sou sortuda.

Eu estou sufocada.

Os reguladores estão apinhando as ruas.

Lena ainda não ligou.

* * * *

Então, em uma tarde quente no final de julho, lá estava ela: ela esbarrou em mim enquanto andava pela rua, seus olhos presos deliberadamente no chão, e eu precisei chamá-la três vezes antes que ela se virasse. Ela parou a poucos passos da colina, seu rosto impassível – ilegível – e não fez menção de vim até mim.

— Então é isso? — digo, enquanto me aproximo ofegante. — Você vai simplesmente passar direto por mim? — minha intenção era fazer com que a pergunta soasse como uma piada, mas pareceu mais uma acusação.

Ela franze a testa e diz: — Eu não vi você.

Eu quero acreditar. Desvio os olhos e mordo meu lábio. Sinto como se pudesse explodir em lágrimas, bem ali no calor latejante do final da tarde, com a cidade se estendendo como uma miragem além da colina Munjoy. Quero perguntá-la por onde andou, e dizer que eu sinto falta dela e que preciso de ajuda.

Mas ao invés disso o que sai é: — Por que você não retornou minhas ligações?

Ela responde bruscamente. — Eu fui pareada.

Por um momento eu recuo. Não acredito que depois de dias de um silêncio abrupto e inesperado, é isso o que ela tem a dizer para mim. Engulo todas as coisas que eu tinha a intenção de contar e mudo para um tom educado e desinteressante antes de perguntar:

— Você ainda não aceitou?

— Você ligou? — ela diz. De novo, nós duas falamos ao mesmo tempo.

Ela parece genuinamente surpresa. Por outro lado, Lena sempre foi difícil de ser lida. A maioria dos seus pensamentos, dos seus verdadeiros sentimentos, estava enterrado bem fundo.

— Eu devo ter deixado umas três mensagens de voz — digo, observando seu rosto atentamente.

— Nunca recebi nenhuma delas — Lena diz rapidamente. Eu não sei se ela está dizendo a verdade. Lena, afinal de conta, sempre insistiu que depois da cura não seríamos mais amigas – nossas vidas seriam muito diferentes, nossos círculos sociais muito distantes. Talvez ela já tenha decidido que as diferenças entre nós são muito grandes.

Lembro da forma como ela me olhou durante a festa na Fazenda Roaring Brook – a maneira como ela fugiu quando tentei falar com ela, seus lábios para baixo em uma careta. De repente eu sinto como se estivesse sonhando. Sonhando com um dia muito colorido, muito vívido, enquanto as imagens passam mudas em frente aos meus olhos – Lena estava mexendo a boca, dois homens despejavam o conteúdo de dois baldes em um caminhão, uma garotinha usando um traje de banho muito grande fazia caretas para nós – e eu estou falando também, respondendo, sorrindo até, enquanto minhas palavras são sugadas para o silêncio, para dentro da brilhante luz branca de um sonho ensolarado. Então nós estamos andando. Estamos indo juntas para casa dela, só que eu estou à deriva, flutuando, deslizando sob o pavimento.

Lena fala, eu respondo. As palavras estão à deriva também – elas são parte de uma linguagem sem sentido, uma linguagem dos sonhos.

Essa noite eu vou a outra festa com Angélica, nas montanhas Deering. Steve vai estar lá. A costa está limpa mais uma vez. Lena olha para mim com um misto de repulsa e medo quando eu conto isso.

Não importa. Nada disso importa mais. Estamos em nossos trenós novamente – dentro da brancura, em um cobertor de quietude.

Mas eu continuarei indo. Subindo cada vez mais e mais alto até escapar – para cima, além do som trovejante do vento, como um pássaro sendo sugado para o céu.

Paramos no começo do quarteirão onde Lena morava, onde eu fiquei parada dias atrás, observando-a se mover feliz e despreocupada ao lado de Grace. Os panfletos ainda estão por todo lado, mas hoje não tem nenhum vento. Eles estão perfeitamente pendurados, cantos alinhados, o brasão do governo estampado centenas de vezes ao longo de ambos os lados da rua. A outra prima de Lena, Jenny, jogava bola com algumas outras crianças no final do quarteirão.

Eu dou a volta. Não quero ser vista. Jenny me conhece e ela é inteligente. Ela vai me perguntar por que eu não venho mais por aqui, ela vai me encarar com seus olhos amplos e sorridentes, e ela vai saber – ela vai sentir – que Lena e eu não somos mais amigas, que Hanna Trent está evaporando como água sob o sol do meio dia.

— Você sabe onde me encontrar — Lena estava dizendo, gesticulando casualmente pela rua. *Você sabe onde me encontrar*. Simples assim, eu fui dispensada. E de repente eu não sinto mais como se estivesse sonhando, ou flutuando. Um peso morto me preenche, me arrasta de volta para a realidade, de volta para o sol, o cheiro de lixo, o grito estridente das crianças jogando futebol na rua, e para o rosto de Lena, composto, neutro, como se ela já tivesse sido curada, como se nunca tivéssemos significado nada na vida uma da outra.

O peso estava subindo para meu peito, e eu sei que a qualquer segundo eu estarei chorando.

— Ok, então. Nos vemos por aí — digo rapidamente, disfarçando a voz embargada com uma onda de tosse. Dou as costas e começo a me afastar rapidamente, enquanto o mundo começa a rodopiar para dentro de uma espiral de cores, como água sendo sugada por um ralo. Coloco meus óculos de sol pressionando-os contra o nariz.

— Ok. Vejo você por aí — Lena diz.

Um nó se forma na minha garganta, acompanhado de uma vontade incontrolável de dar meia volta e gritar para ela, de dizer que sinto falta dela. Minha boca tinha o gosto azedo que vinha com essas palavras antigas e profundas, e eu consigo sentir os músculos

da minha garganta se flexionando, tentando engoli-las. Mas a necessidade se torna insuportável, e sem pensar, me vejo dando a volta e chamando-a.

Ela estava quase em casa e para com um das mãos no portão. Ela não diz nada, ela só me encara sem expressão, como se no tempo que ela gastou para caminhar alguns poucos passos, já tivesse me esquecido.

— Esqueça — digo, e dessa vez quando eu me viro, eu não estou hesitante ou mesmo olho para trás.

* * * *

O bilhete de Steve chegou cedo pela manhã enrolado dentro de um anúncio da *Pizzaria Underground – Grande inauguração hoje à noite!* Que foi preso no portão da nossa casa. O bilhete tinha apenas quatro palavras, *Por favor, esteja lá,* e suas iniciais, presumindo que se fosse encontrado por meus pais ou um dos reguladores, não estaríamos com problemas. No verso do anúncio tinha um mapa desenhado grosseiramente com o nome de uma única rua: Tanglewild Lane, também em Deerling.

Dessa vez não existe necessidade de sair escondida. Meus pais foram para uma angariação de fundos hoje; a Sociedade de Conservação de Portland estava oferecendo seu jantar dançante anual. Os pais de Angélica também foram. O que deixa as coisas bastante fáceis. Ao invés de esgueirarmos pelas ruas depois do toque de recolher, eu e Angélica nos encontramos no Planalto Deerling mais cedo. Ela trouxe meia garrafa de vinho, pão e queijo, e estava com o rosto corado e excitado. Sentamos na varanda de uma mansão abandonada e comemos nosso jantar enquanto o sol ia desaparecendo em ondas de vermelho e rosa além da linha das árvores até se esvair completamente.

Então, às nove e meia, nos dirigimos até a Rua Tanglewild.

Nenhuma de nós tinha o endereço exato, mas não levou muito tempo até que localizássemos a casa. Tanglewild era uma rua de dois quarteirões, a maior parte de árvores, com alguns poucos telhados pontiagudos visíveis contra o céu noturno indicando onde estavam as casas. A noite estava nitidamente parada e por isso foi fácil ouvir a batida da música vibrando sob o barulho dos grilos. Descemos uma rua longa e estreita cujo pavimento estava cheio de rachaduras que o musgo e a grama começaram a ocupar. Angélica solta o cabelo, depois o prende em um rabo de cavalo, depois o solta novamente. Sinto uma pontada de pena, seguida por um aperto de medo.

A cura de Angélica está agendada para próxima semana.

À medida que nos aproximamos da casa, o ritmo da música fica cada vez mais alto, embora ainda esteja abafado; percebi que todas as janelas foram cobertas e a porta estava bem fechada e protegida por materiais isolantes, evitando que o som escapasse. No segundo que a porta foi aberta, a música se tornou um rugido: o barulho de uma guitarra gritando, vibrando pelo chão e paredes. Por um segundo eu fico parada, desorientada,

piscando na luz brilhante da cozinha. A música parece prender minha cabeça – apertando-a, forçando todos os outros pensamentos a saírem.

— Eu disse, feche a *porta*. — Alguém, uma garota com o cabelo vermelho, passa por nós praticamente gritando, e bate a porta atrás de nós, deixando o som dentro da casa. Ela me lança um olhar reprovador enquanto volta para a cozinha em encontro ao cara com quem ela estava falando, que era alto, louro e magro, todo cotovelo e joelhos. Jovem. Quatorze no máximo. Sua camiseta tinha a estampa do *Conservatório Naval de Portland*.

Penso em Sarah Sterling e sinto um espasmo de náusea. Fecho os olhos e me concentro na música, sentindo-a vibrar através do chão até meus ossos. Meu coração se ajusta ao ritmo, batendo rápido e com força dentro do meu peito. Até pouco tempo eu nunca ouvira uma música como essa, diferente daquela pomposa e comedida que tocava incessantemente na Rádio Um. Essa era uma das minhas coisas favoritas sobre as festas clandestinas: a batida da música, o som da guitarra, a música que se move dentro das suas veias e faz você se sentir quente, selvagem e viva.

— Vamos lá para baixo — Angélica diz. — Quero ficar mais perto da música. — Ela analisava a multidão, obviamente procurando por alguém. Me pergunto se é o mesmo alguém com quem ela sumiu na última festa. É incrível como apesar de todas as coisas que compartilhamos nesse verão, ainda tem muito sobre o que não queremos ou podemos falar.

Penso em Lena e em nossa estranha conversa na rua. O aperto familiar pressiona minha garganta. Se ao menos ela tivesse me escutado e tentado me entender. Se ela pudesse ver a beleza desse mundo clandestino, e apreciar o que significava: a música, a dança, a sensação dos dedos e lábios se tocando, como voar depois de uma vida inteira rastejando...

Empurro o pensamento de Lena para longe.

As escadas que levavam até o porão eram de concreto tosco. Exceto por algumas velas colocadas diretamente nos degraus, o lugar estava engolido pela escuridão. Enquanto descíamos, a música ficava cada vez mais barulhenta, e o ar mais quente e pegajoso com a vibração, como se o som ganhasse forma física, um corpo invisível pulsando, respirando e suando.

O porão era inacabado. Parecia que foi construído diretamente da terra. Estava tão escuro que eu só conseguia distinguir as paredes e o teto feitos de pedra e cobertos por mofo escuro. Não tinha ideia de como a banda conseguia ver o que estavam tocando.

Talvez essa fosse a razão para as notas estridentes, que pareciam lutar umas contra as outras pelo domínio – melodias competindo, se chocando e se agarrando a notas cada vez mais altas.

O porão era amplo e tinha uma aparência cavernosa. A sala principal onde a banda estava tocando se ramificava em outros espaços menores, cada um mais escuro do que o outro. Um deles estava quase completamente bloqueado por pedaços de mobília quebrada; outro estava ocupado por um sofá e vários colchões de aparência suja. Em um deles um casal estava deitado, torcendo-se em uma forma semelhando a um C. No escuro, eles pareciam duas cobras entrelaçadas, e eu me afastei rapidamente. A sala ao lado era ocupada por varais nos quais dúzias de sutiãs e calcinhas estavam penduradas. Por um segundo, pensei que eles foram deixados pela família que morava aqui, mas quando um grupo de rapazes passou correndo por mim, rindo alto, me ocorreu que toda aquela lingerie eram troféus, lembranças de tudo que ocorreu nesse porão.

Sexo. Uma palavra difícil até mesmo de pensar.

Sentia-me tonta e quente. Virei-me e percebi que Angélica tinha, mais uma vez, sumido na escuridão. A música impulsionando tão ferozmente minha cabeça que temi que fosse parti-la ao meio. Comecei a voltar para sala central pensando em subir as escadas, quando vi Steve parado no canto, seus olhos entreabertos, seu rosto iluminado por pequenas luzes vermelhas que estavam espalhadas pelo chão e, de alguma forma, conectadas a um circuito – provavelmente o mesmo que alimentava os amplificadores.

Enquanto começo a me dirigir em sua direção, ele me vê. Por alguns segundos, seu rosto não registra nenhuma mudança. Depois eu chego mais perto, dentro do limite das luzes e ele sorri. Ele diz algo, mas seu rosto é engolido pelo som quando os dois guitarristas tocam furiosamente seus instrumentos.

Nós dois nos aproximamos simultaneamente, fechando os últimos metros que nos separavam. Ele envolve seus braços ao redor da minha cintura, seus dedos roçando a pele exposta, de forma emocionante e quente. Descanso minha cabeça contra seu peito ao mesmo tempo em que ele se inclina para me beijar, e ele acaba beijando minha testa. Depois, quando eu levanto minha cabeça e ele se inclina novamente, bato minha cabeça contra o nariz dele. Ele recua, estremecendo e segurando o nariz com uma das mãos.

— Ai meu Deus! Sinto muito! — a música estava tão alta que eu mal podia ouvir minhas desculpas. Meu rosto estava queimando. Mas quando ele tira a mão do rosto, estava sorrindo. Dessa vez ele se inclina devagar, com um cuidado exagerado, fazendo piada sobre o ocorrido – ele me beija delicadamente, desliza sua língua gentilmente pelos meus lábios. Eu posso sentir a música vibrando entre nós dois, fazendo meu coração acelerar. Meu corpo foi preenchido por um calor tão furioso que tive medo que fosse me transformar em líquido – eu iria derreter, iria me desmanchar por dentro.

Suas mãos acariciavam minha cintura e depois subiram, me puxando para mais perto. Sinto uma pontada quando a fivela do seu cinto se pressiona contra meu estômago e respiro fundo. Ele morde meu lábio levemente – eu não tenho certeza se foi um acidente. Não consigo pensar, não consigo respirar. Estava muito quente, muito barulhento e nós estávamos muito próximos. Tento me afastar, mas ele é muito forte. Seus braços se

apertam ao meu redor, me mantendo pressionada contra seu corpo, e suas mãos deslizam pelas minhas costas novamente, por cima dos bolsos do meu short até encontrarem minhas pernas descobertas. Seus dedos traçavam a parte interna da minha coxa, e minha mente voou para a sala com as lingeries penduradas, todas elas penduradas frouxamente no escuro, como balões murchos na manhã seguinte a um aniversário.

— Espere — coloco as duas mãos sobre seu peito e o empurro para longe com força. Seu rosto estava vermelho e suado. Sua franja emplastrada na testa. — Espere — repito. — Preciso falar com você.

Não tenho certeza se ele conseguiu me ouvir. O ritmo da música ainda soava nas minhas costelas e minhas palavras eram apenas mais uma vibração deslizando ao lado dele. Ele diz alguma coisa de novo, indecifrável – e eu tenho que me inclinar para frente a fim de ouvi-lo.

— Eu disse, eu quero dançar! — ele grita. Seus lábios encostam-se a meu ouvido e eu sinto a mordida suave de seus dentes novamente. Afasto-me bruscamente e depois me sinto culpada. Eu concordo e sorrio para ele, *tudo bem*, nós podemos dançar.

Dançar também é novo para mim. Aqueles sem cura não são permitidos dançar como casais, entretanto eu e Lena costumávamos praticar juntas de vez em quando, imitando a forma imponente e séria que pessoas casadas e curadas dançavam em eventos oficiais: pisando uniformemente com a música, mantendo pelo menos um braço de distância entre eles, rígido e austero. *Um*, dois, três; *um*, dois, três; Lena gritava enquanto eu praticamente engasgava de tanto rir, e ela me acertava com o joelho para me manter na linha, assumindo a voz do nosso diretor, McIntosh, me dizendo que eu era uma, *Desgraça, uma absoluta desgraça.*

O tipo de dança que eu pratico agora é cheio de regras: passos, padrões e manobras complicadas. Mas enquanto Steve me arrastava para perto da banda, tudo que eu conseguia ver era uma massa frenética de pessoas se contorcendo, como um mar de serpentes de várias cabeças, agitando os braços, batendo os pés, pulando. Sem regras, apenas energia – tanta energia que você poderia se alimentar dela; aposto como seria possível abastecer Portland por uma década. É mais do que uma onda. É uma corrente, um oceano de corpos.

Deixo me levar por tudo. Esqueço de Lena, Fred Hargrove e de todos os pôsteres estampados por toda Portland. Deixo a música perfurar meus dentes e escorrer por meus cabelos e explodir por meus olhos. Eu a saboreio, sentindo o gosto de areia e suor. Estou gritando sem querer. Tinham mãos no meu corpo – de Steve? – me agarrando, empurrando o ritmo através da minha pele, viajando por lugares que ninguém nunca havia tocado, e cada toque é como outra onda de escuridão, levando tranquilidade ao meu cérebro, forçando cada pensamento racional para as profundezas de uma névoa escura.

Isso é liberdade? Isso é felicidade? Eu não sei. Eu não me importo mais. Isso é diferente – é estar vivo.

O tempo se tornou intermitente – o espaço entre duas batidas, dividido em fragmentos, infinito enquanto as notas da guitarra se perderam uma dentro da outra, tão cheio quanto à massa escura de corpos ao meu redor. Sinto como se o ar aqui embaixo tivesse se tornado líquido, de suor, cheiro e som, e eu me despedacei dentro dele. Eu sou uma onda puxada para dentro de tudo isso. Eu sou energia e barulho e a batida de um coração fazendo *boom, boom, boom*, ecoando a bateria. E mesmo Steve estando perto de mim, e depois atrás de mim, me chamando para ele, beijando meu pescoço e explorando minha barriga com seus dedos, eu mal posso senti-lo.

E por um momento – por um milésimo de segundo – tudo mais desaparece, todo o padrão e ordem da minha vida, e uma enorme felicidade surge em meu peito. Eu não sou ninguém, eu não devo nada a ninguém, e minha vida é só minha.

Em seguida Steve estava me puxando para longe da banda e me guiando para dentro de um dos pequenos quartos que se ramificavam a partir da sala central. O primeiro quarto, aquele cheio de colchões e um sofá, estava lotado. Meu corpo ainda parece estar remotamente ligado a minha mente, ainda desajeitado, como se eu fosse um filhotinho desacostumado a andar por conta própria. Esbarro em um casal que se beijava no escuro. A garota se vira para me encarar.

Angélica. Meus olhos vão instintivamente para a pessoa que ela estava beijando e por um segundo o tempo congela, e depois acelera de novo. Sinto meu estômago se revirar, como se eu tivesse acabado de ver o mundo ficar de ponta cabeça.

Outra garota. Angélica estava beijando outra garota.

Angélica é uma Antinatural.

O olhar no rosto de Angélica passa de irritação ao medo e depois a fúria.

— Dê o fora daqui! — ela praticamente rosna. Antes que eu possa dizer alguma coisa, antes que eu seja capaz de dizer que está tudo bem, ela sai me dando às costas. Eu tropeço em Steve. Ele me segura se inclinando para sussurrar no meu ouvido:

— Você está bem, princesa? Muitos drinques?

Obviamente, ele não viu nada. Ou talvez ele tenha – ele não conhece Angélica; não importaria nada para ele. Não importava nada para mim também. É a primeira vez que eu realmente penso sobre isso, mas a ideia estava lá, imediata e absoluta: eu realmente não me importava nenhum pouco.

Substâncias químicas erradas. Neurônios falhando, química cerebral deformada. Isso é o que sempre nos ensinaram. Todos os problemas que seriam sanados pela cura. Mas aqui, nesse lugar escuro e quente, o assunto sobre substâncias químicas e neurônios parecia

absurdo e irrelevante. Existe apenas o que você quer e o que acontece. Só o que importava era se segurar firme na escuridão.

Imediatamente me arrependo de como devo ter parecido para Angélica: chocada, talvez até mesmo enojada. Fico tentada a voltar e encontrá-la, mas Steve já estava me puxando para outro quarto vazio, exceto pela pilha de mobília quebrada, que ao longo do tempo foi sendo separada e vandalizada. Antes que eu pudesse falar, ele me empurra contra a parede e começa a me beijar. Consigo sentir o suor em seu peito molhando sua camisa. Ele começa a tirar minha blusa.

— Espere — luto para afastar minha boca da dele.

Ele não responde. Ele encontra minha boca novamente e desliza suas mãos até minhas costelas. Tento relaxar, mas tudo que vem a minha mente é a imagem do varal cheio de sutiãs e calcinhas.

— Espere — digo novamente. Dessa vez dou um passo para o lado colocando algum espaço entre nós dois. A música era abafada aqui, e nós seríamos capazes de conversar. — Preciso perguntar uma coisa a você.

— Qualquer coisa que você quiser — seus olhos ainda estavam nos meus lábios. Eles me distraíam. Me afastei ainda mais dele.

Minha boca de repente parecia muito grande para minha boca. — Você gosta de mim? — no último segundo, não consegui me obrigar a perguntar o que eu realmente queria saber, *Você me ama? É isso que o amor parece?*

Ele ri. — É claro que eu gosto de você, Hana — ele estica o braço para tocar meu rosto, mas eu me afasto. Depois, talvez percebendo que a conversa não seria rápida, ele suspira e desliza uma das mãos pelos cabelos. — Que história é essa, em todo caso?

— Estou assustada — deixo escapar. E só então percebo o quanto isso é verdade: o medo estava me estrangulando, sufocando. Não sabia o que era mais aterrorizante: a possibilidade de ser descoberta, de ser forçada a voltar a minha vida normal, ou o contrário. — Eu quero saber o que vai acontecer conosco.

Abruptamente, Steve fica tenso. — O que você quer dizer? — ele pergunta cautelosamente. Teve um pequeno intervalo entre as músicas e agora a banda recomeçou a tocar, frenética e dissonante.

— Quero dizer, como nós podemos... — eu engulo em seco. — Quero dizer, eu vou ser curada no outono.

— Certo — ele me olhava de lado, desconfiado, como se eu estivesse falando outra língua e ele só entendesse algumas poucas palavras. — Eu também.

— Mas então nós não iremos... — eu perco o raciocínio. Minha garganta dá um nó. — Você não quer ficar comigo?

Com isso, ele amolece. Ele se aproxima de mim novamente, e antes que eu tenha uma chance para relaxar, ele envolve sua mão no meu cabelo. — É claro que eu quero ficar com você — ele diz, se inclinando para sussurrar as palavras em meu ouvido. Ele cheirava a loção pós-barba almiscarada e suor.

É preciso um grande esforço da minha parte para afastá-lo. — Não quis dizer aqui — digo. — Não quis dizer dessa forma.

Ele suspira de novo e se afasta de mim. Posso dizer que comecei a irritá-lo. — Qual o problema aqui? — ele pergunta. Sua vos afiada, vagamente aborrecida. — Por que você não pode simplesmente relaxar?

E é quando isso me atinge. Como se minhas entranhas fossem sugadas para longe e tudo que sobrasse fosse uma enorme e sólida rocha de certeza: ele não me amava. Ele não se importava nenhum pouco comigo. Isso tem sido nada mais do que diversão para ele, um jogo proibido, como uma criança tentando roubar biscoitos antes do jantar. Talvez ele estivesse achando que eu o deixaria tirar minha calcinha. Talvez ele estivesse planejando pendurar meu sutiã junto com todos os outros, uma lembrança do seu triunfo secreto.

Eu estive me fazendo de idiota todo esse tempo.

— Não se sinta culpada. — Steve deve ter percebido que fez a coisa errada. Sua voz se tornou suave novamente, delicada. Ele se inclina para mim de novo. — Você é tão linda.

— Não me toque — eu me empurro para trás e acidentalmente bato a cabeça na parede. Estrelas explodem nos meus olhos.

Steve coloca as mãos nos meus ombros. — Oh, merda. Hanna. Você está bem?

— Eu disse, não toque em mim. — O empurro para longe enquanto me dirigia para o próximo quarto, que agora estava tão cheio de gente que eu mal conseguia achar um caminho até as escadas. Escuto Steve chamar meu nome apenas uma vez. Depois disso ou ele desistiu ou sua voz foi sugada pelo redemoinho de sons. Estava quente, todo mundo estava molhado de suor, perdidos nas sombras, como se estivesse chafurdando em óleo. Mesmo quando minha visão clareia, me sinto instável sob meus pés.

Preciso de ar.

Preciso dar o fora daqui. Um zumbido começava a encher minha cabeça, um som distinto da música que tocava – um grito estridente, distante, me esfaqueando em duas.

Paro de me mexer. Não. O grito era real. Alguém estava gritando. Por um segundo eu penso que era imaginação minha – deve ter sido a música, que continuava gritando –

mas então, todos de uma vez, os gritos se tornaram mais altos, sobrepondo o som da banda.

— Corram! Batida! Corram!

Eu congelo, paralisada pelo medo. A música para com um estrondo. Agora não tinha nada além de gritos, e eu estava sendo empurrada, engolida pela onda de pessoas ao meu redor.

— Batida! Corram!

Para fora. Para fora. Eu preciso sair daqui. Alguém me dá uma cotovelada e eu quase não consigo me equilibrar. Escadas – preciso chegar até as escadas. Eu consigo vê-los de onde estava, consigo ver uma onda de pessoas lutando e escalando as escadas para sair do porão. Então, de repente aparece um pedaço enorme de madeira e os gritos aumentam. A porta no topo das escadas foi despedaçada; as pessoas perto dela estavam caindo em cima das pessoas que estavam atrás, que também caíam...

Isso não estava acontecendo. Não podia estar acontecendo.

Uma silhueta enorme de homem aparece onde antes estava a porta. Um regulador. Ele segurava uma arma. Atrás dele, duas formas semelhantes a foguetes apontavam para a multidão, e os gritos mudaram para o som de rosnados e latidos.

Cães.

Enquanto o regulador começa a abrir caminho para dentro, meu corpo descongela. Eu me viro para longe das escadas, para dentro da massa de pessoas, todas empurrando e correndo em diferentes direções, boquiabertas e em pânico. Eu estava cercada por todos os lados. Quando finalmente consegui sair da sala principal, vários reguladores já tinham conseguido descer as escadas. Olho rapidamente para trás e os vejo avançando em direção a multidão com cassetetes.

Uma voz alta, amplificada falava: — Isso é uma batida. Não tentem correr. Não tentem resistir.

Tinha uma janela pequena no nível do chão no quarto com os colchões e o sofá, e pessoas se aglomeravam ao redor dela, gritando uns com os outros, procurando um trinco ou uma forma de abri-la. Um menino toma impulso nas molas do sofá e acerta a janela com o cotovelo. A janela quebra. Ele fica em pé no braço do sofá e escapa por ela. Agora as pessoas lutavam para conseguir fazer o mesmo. Eles oscilavam em cima uns dos outros, lutando para serem os primeiros.

Olho por cima do ombro. Os reguladores estavam se aproximando, suas cabeças flutuando sob a multidão, como rostos sombrios de marinheiros empurrando através da tempestade. Eu nunca vou conseguir escapar a tempo.

Luto contra a corrente de corpos que fluía com força em direção a janela, para a promessa de escapar, e me jogo para dentro da próxima sala. Aqui é onde eu fiquei com Steve e perguntei se ele gostava de mim apenas cinco minutos atrás, mesmo assim parece que tudo não passou de um sonho em outra vida. Não tinham janelas aqui, nem portas ou saídas.

Esconder. É a única coisa que eu posso fazer. Esconder-me e esperar que tenham muitas pessoas para serem escoltadas uma a uma para fora. Começo a rastejar rapidamente em torno da enorme pilha de escombros encostados na parede, embaixo de cadeiras quebradas, mesas e pedaços de estofado antigo.

— Por aqui! Por aqui!

A voz do regulador era alta o bastante e estava perto o bastante para ser ouvida por cima do som caótico. Eu tropeço, batendo minha canela em um pedaço de metal enferrujado. A dor aguda fez meus olhos se encherem de lágrimas. Me abaixo entre a pilha de lixo e a parede lentamente ajustando um pedaço de metal a fim de impedir que me vissem.

Depois disso não tinha nada mais que eu pudesse fazer além de esperar, ouvir e rezar.

Cada minuto parecia uma hora de agonia. Desejo, mais do que qualquer coisa, que eu pudesse tampar meus ouvidos com minhas mãos e abafar a terrível trilha sonora que girava ao meu redor: os gritos, o baque dos cassetetes, os cachorros latindo e rosnando. E pessoas implorando também, enquanto eram levados embora algemados: *Por favor, você não entende, por favor, me deixe ir, isso foi um engano, eu não queria...* De novo e de novo, uma canção de pesadelo presa no modo *repetir*.

De repente eu penso em Lena, deitada seguramente em sua cama, minha garganta se aperta e eu sei que vou chorar. Eu tenho sido tão estúpida. Ela estava certa sobre tudo. Isso não é um jogo. Não valia a pena – o calor, as noites suadas, deixar Steve me beijar, dançar – tudo isso deu em nada. Não significava nada.

A única coisa que importava eram os cães, os reguladores e as armas. Isso era verdade. Ficar escondida, a dor no meu pescoço, costas e ombros. Isso era realidade.

Fecho meus olhos com força. *Sinto muito, Lena. Você estava certa*. Eu a imagino se mexendo durante seu sono agitado, chutando o cobertor com o calcanhar. O pensamento me dá algum conforto. Ao menos ela está a salvo, longe daqui.

Horas: o tempo é elástico, boquiaberto como uma boca, me engolindo para dentro de uma garganta estreita, longa e escura. Mesmo que no porão estejam fazendo cerca de 40°C, não consigo parar de tremer. Quando os sons da batida começam a se acalmar, finalmente, eu temo que o som dos meus dentes batendo me entreguem. Não tenho ideia de que horas sejam ou de quanto tempo tenha passado abaixada contra parede. Não sentia

mais a dor nas costas ou ombros; todo o meu corpo parecia não pesar nada, e estar fora do meu controle.

Por fim, só restou o silêncio. Levanto-me com cautela do meu esconderijo, mal ousando respirar. Mas não havia nenhum movimento em lugar algum. Os reguladores se foram e devem ter pegado ou perseguido todos que estavam aqui. A escuridão era intransponível, um cobertor sufocante. Ainda não queria arriscar subir as escadas, mas agora que eu estava livre, e me mexendo, a necessidade de *sair*, de escapar dessa casa crescia como pânico dentro de mim. Um grito pressionava minha garganta, e o esforço de engoli-lo fazia minha garganta doer.

Tateei até achar meu caminho de volta para a sala com os colchões. Somente a janela alta na parede era visível. Além dela, o brilho do orvalho na grama brilhava ligeiramente ao luar. Meus braços tremiam. Eu mal consegui me puxar para cima, me arrastando com o rosto na terra, inalando o cheiro da plantação, ainda lutando contra o desejo de gritar ou chorar.

Então, finalmente, eu estava fora. O céu estava cheio de pequenas estrelas brilhando, vastas e indiferentes. A lua estava alta e redonda, banhando as árvores com um brilho prateado.

E haviam corpos jogados na grama.

Eu corri.

5

Na manhã seguinte a batida, acordei com uma mensagem de Lena.

Hana, você precisa me ligar. Estou trabalhando hoje. Você pode me encontrar na loja.

Eu escutei duas vezes e depois uma terceira vez, tentando não julgar o tom de voz dela. Sua voz não soava monótona e sem cadência, como de costume. Não conseguia dizer se ela estava com raiva, chateada ou apenas irritada.

Antes que eu perceba, já estou vestida e a caminho da Stop-N-Save. Ainda me sentia como se um grande pedaço de gelo tivesse sido alojado dentro de mim, bem no meio do meu corpo, fazendo eu me sentir entorpecida e desajeitada. De alguma forma, miraculosamente, eu consegui dormir quando finalmente cheguei em casa, mas meus sonhos eram cheios de gritos, e cachorros babando sangue.

Estúpida: é isso que eu tenho sido. Uma criança, uma caçadora de contos de fadas. Lena estava certa o tempo todo. Lembro do rosto de Steve – aborrecido, desapegado, esperando que eu acabasse com meu acesso de mau humor – e depois da sua voz aveludada, como um toque indesejado: *Não fique chateada. Você é tão linda*.

Uma frase do *Manual de SSF* volta para mim: *Não existe amor, apenas desordem.*

Estive com os olhos vendados todo esse tempo. Lena estava certa. Lena vai entender – ela precisa entender, mesmo que ela ainda esteja com raiva de mim.

Diminuo a velocidade da bicicleta enquanto me aproximo da loja do tio de Lena, onde ela trabalhava durante todo o verão. Não vejo ninguém além de Jed, um cara grande que mal conseguia formar uma frase para perguntar se você gostaria de comprar um refrigerante Big Gulp por um dólar. Lena sempre acreditou que ele deve ter sido danificado pela cura. Talvez ela esteja certa. Ou talvez ele simplesmente tenha nascido daquele jeito.

Pedalo até o beco estreito atrás da loja, que era cheio de lixeiras e tinha um cheiro adocicado de lixo velho. Uma porta azul na metade do beco dava acesso ao depósito nos fundos da Stop-N-Save. Não consigo lembrar quantas vezes eu vim aqui ficar com Lena quando ela deveria estar fazendo o inventário, enquanto comíamos um pacote roubado de batatas fritas e escutávamos ao rádio portátil que eu contrabandeava da cozinha dos meus pais. Por um momento, sinto uma dor forte embaixo das minhas costelas, e desejo poder voltar atrás – desaparecer com esse verão, com as festas clandestinas e Angélica. Tantos anos se passaram sem que eu ao menos pensasse sobre *amor deliria nervosa*, ou questionasse o *Manual de SSF* ou meus pais.

Eu era feliz.

Encosto minha bicicleta em uma das lixeiras e bato suavemente na porta. Quase imediatamente, ela abre.

Lena congela quando me vê. Sua boca fica aberta por um segundo. Estive pensando sobre o que eu queria dizer a ela durante toda manhã, mas agora – confrontada pelo seu choque – as palavras sumiram. Foi ela quem me disse para encontrá-la na loja, e agora ela está agindo como se nunca tivesse me visto antes.

O que acabou saindo foi: — Você vai me deixar entrar ou o que?

Ela reinicia, como se eu tivesse interrompido um devaneio. — Oh, me desculpe. Sim, entre. — Sou capaz de dizer que ela só estava nervosa, assim como eu. Havia um nervoso, uma energia em seus movimentos. Quando eu entro no depósito, ela praticamente bate a porta atrás de mim.

— Quente aqui — eu estava enrolando, tentando fazer com que o discurso planejado saísse da minha boca. *Eu estava errada. Me perdoe. Você estava certa sobre tudo*. As palavras estavam enroladas como fios no fundo da minha garganta, quentes, e eu não conseguia desenrolá-las. Lena não diz nada. Encaro a sala, sem querer olhar para ela, preocupada que eu fosse ver a mesma expressão que vi no rosto de Steve noite passada – impaciência, ou pior, desapego. — Lembra quando eu costumava vim aqui encontrar você? Eu trazia revistas e aquele estúpido rádio velho que eu costumava ter? E você roubava...

— Batatas fritas e refrigerante do cooler — ela completou. — Sim, eu lembro.

O silêncio se esticava constrangedoramente entre nós. Continuei circulando pelo espaço pequeno, olhando para qualquer lugar menos para ela. Todas aquelas palavras enroladas flexionavam e apertavam seus dedos metálicos, rasgando minha garganta. Inconscientemente, levei meu polegar a minha garganta. Sinto pequenas pontadas de dor enquanto roía as cutículas, e isso trouxe de volta um conforto familiar.

— Hana? — Lena diz delicadamente. — Você está bem?

Essa única pergunta tola me despedaça. Todos os dedos de metal relaxam de uma vez, e as lágrimas que eu vinha segurando surgem ao mesmo tempo. De repente eu estou soluçando e contando a ela tudo: sobre a batida, os cachorros, o som de crânios rachando sob os cassetetes dos reguladores. Pensar sobre isso de novo me fez sentir como se fosse vomitar. Em algum momento, Lena colocou os braços ao meu redor e começou a me consolar murmurando palavras confortadoras. Eu nem mesmo me dei conta do que ela estava dizendo, e eu não me importava. Apenas tê-la aqui – sólida, real, ao meu lado – me faz sentir melhor do que eu me senti nas últimas semanas. Aos poucos consigo parar de chorar, engolindo os soluços e suspiros que ainda escapavam. Tentei dizer que sentia falta dela, e que eu estava sendo estúpida e errada, mas minha voz estava abafada e grossa.

E então alguém bateu na porta, muito claramente, quatro vezes. Eu me afastei rapidamente de Lena.

— O que foi isso? — eu digo, esfregando os olhos com as mãos e tentando retomar o controle de mim mesma. Lena tenta fingir que não ouviu. Seu rosto ficou branco, seus olhos arregalados e aterrorizados. Quando bateram novamente na porta, ela não se moveu, simplesmente ficou congelada no lugar.

— Eu pensei que ninguém vinha por aqui — cruzo meus braços, observando Lena com os olhos cerrados. Uma suspeita distante se formava no fundo da minha mente, mas eu não conseguia decifrá-la.

— Ninguém vem. Quero dizer... algumas vezes... Quero dizer, os entregadores...

Enquanto ela gaguejava desculpas, a porta se abriu, e *ele* coloca a cabeça para dentro – o garoto do dia em que eu e Lena pulamos a grade dos laboratórios, logo depois de passarmos por nossas avaliações. Seus olhos pousam em mim e ele, também, congela.

A princípio eu penso que foi só um engano. Ele deve ter batido na porta errada. Lena vai gritar com ele, dizendo que dê o fora. Mas então, devagar, minha mente volta a funcionar e eu me dou conta que não, ele acabou de chamar o nome de Lena. Isso foi obviamente combinado.

— Você está atrasado — Lena diz. Meu coração se aperta e por um segundo o mundo fica completamente escuro. Eu tenho estado errada sobre tudo e todos.

— Entre e feche a porta — eu digo grosseiramente. O depósito pareceu muito menor depois que ele entrou. Me acostumei a presença de rapazes durante o verão, mas não aqui, em um lugar familiar e a luz do dia. É como descobrir que outra pessoa tem usado sua escova de dentes; você se sente enojado e desorientado ao mesmo tempo. Me vejo virando para Lena. — Lena Ella Haloway Tiddle — eu digo seu nome completo, muito devagar, em parte porque eu precisava me ressegurar da sua existência – Lena, minha amiga, a cautelosa, aquela que sempre pensa em segurança primeiro, que agora se encontra secretamente com garotos. — Você tem algumas explicações para dar.

— Hana, você se lembra de Alex — Lena diz fracamente, como se isso, o fato de se lembrar dele, explicasse tudo.

— Oh, eu *me lembro de* Alex — digo. — O que eu não lembro é por que Alex está *aqui.*

Lena faz alguns sons não muito convincentes tentando se desculpar. Seus olhos voavam para os dele. Uma mensagem passa entre os dois. Eu posso senti-la, codificada e indecifrável, como uma onda de eletricidade, como se eu tivesse acabado de passar por uma das cercas elétricas da fronteira. Meu estômago se revira. Lena e eu costumávamos ter conversas assim.

— Conte a ela — Alex diz delicadamente. É como se eu nem mesmo estivesse na sala.

Quando Lena olha para mim, seus olhos estavam suplicantes. — Eu não tinha intenção... — é como ela começa. E então, depois de alguns segundos em silêncio, ela desembucha. Ela me conta sobre ter visto Alex na festa da fazenda Roaring Brook *(a festa que eu a convidei; ela não teria ido se não fosse por mim)*, e de tê-lo encontrado em Back Cove pouco antes do pôr do sol.

— Foi quando ele... foi quando ele me contou a verdade. Que ele é um *Inválido* — ela diz, mantendo os olhos presos aos meus e forçando a palavra *Inválido* a sair em um volume normal. Eu inconscientemente prendo a respiração. Então era verdade. Todo esse tempo, enquanto o governo negava e negava, existiam pessoas vivendo à margem das nossas cidades, sem cura e fora de controle.

— Eu fui encontrar você noite passada... — Lena diz mais calmamente. — Quando eu descobri que teria uma batida... Eu escapei. Eu estava lá quando... Quando os reguladores chegaram. Eu mal consegui escapar. Alex me ajudou. Escondemos-nos em um barracão até que eles fossem embora.

Fecho e abro meus olhos. Eu me lembro de me arrastar pela terra úmida, batendo os quadris na janela. Lembro de ficar em pé olhando para as formas escuras dos corpos jogados como sombras na grama, e a forma geométrica de um pequeno barracão, escondido entre as árvores.

Lena estava lá. É quase inimaginável.

— Não posso acreditar nisso. Não consigo acreditar que você escapou durante uma batida.

Pela primeira vez em muito tempo, eu realmente *olho* para ela. Eu sempre achei Lena bonita, mas agora me dei conta de que em algum momento – no último verão? Último ano? – ela se tornou linda. Seus olhos pareciam ter aumentado e suas maçãs do rosto estavam mais afiadas. Seus lábios, ao contrário, pareciam delicados e cheios.

Eu nunca me senti feia perto de Lena, até agora. Me senti alta, feia e ossuda, como um cavalo cor de palha.

Lena começa a dizer alguma coisa quando uma batida forte a interrompe e Jed abre a porta chamando por Lena: — Lena? Você está aqui dentro?

Instintivamente eu puxo Alex enquanto do outro lado a porta se abre. Por sorte, Jed só consegue abri-la alguns centímetros antes que colida contra uma pilha de caixas de maçã. Eu me pergunto se Lena as colocou naquele lugar propositadamente.

Atrás de mim, eu consigo *sentir* Alex: ele estava ao mesmo tempo alerta e muito parado, como um animal antes de dar o bote. A porta abafava o som da voz de Jed. Lena

manteve um sorriso no rosto enquanto respondia a ele. Não consigo acreditar que essa seja a mesma Lena que costumava hiper ventilar quando a mandavam ler na frente da classe.

Meu estômago começa a se contorcer com as emoções conflitantes de admiração e ressentimento. Todo esse tempo, eu pensei que estávamos nos separando porque eu estava deixando Lena para trás. Mas era realmente o contrário. Ela estava aprendendo a mentir.

Ela estava aprendendo a amar.

Não consigo suportar ficar tão próximo desse garoto, esse Inválido, que é agora o segredo de Lena. Minha pele pinicava.

Coloco minha cabeça para fora da porta. — Oi Jed! — digo alegremente. Lena me dá um olha de gratidão. — Eu só vim entregar uma coisa a Lena e começamos a fofocar.

— Nós temos clientes — Jed diz estupidamente, mantendo os olhos em Lena.

— Vou entrar em um segundo — ela diz. Quando Jed vai embora com um grunhido, fechando a porta, Alex deixa escapar um longo suspiro. A interrupção de Jed restabeleceu a tensão no depósito. Consigo senti-la rastejando pela minha pele como calor.

Talvez sentindo a tensão, Alex se abaixa e começa a esvaziar sua mochila. — Trouxe algumas coisas para sua perna — ele diz silenciosamente. Ele trouxe suprimentos médicos. Lena levanta uma das pernas da sua calça até o joelho, revelando um machucado feio atrás da panturrilha. Sinto uma onda rápida de enjôo e tontura.

— Droga, Lena — digo tentando manter minha voz leve. Não quero assustá-la. — Aquele cachorro te pegou em cheio.

— Ela vai ficar bem — Alex diz com desdém, como se eu não precisasse me preocupar, como se não fosse da minha conta. Sinto uma vontade súbita de chutar sua nuca. Ele estava ajoelhado em frente à Lena, espalhando creme antibacteriano em sua perna. Fico hipnotizada pela forma confiante com que seus dedos se movem por sua pele, como se seu corpo fosse dele para cuidar e tocar. *Ela era minha antes de ser sua*. As palavras estavam lá, inesperadas, subindo pela minha garganta até minha língua. Eu as engulo de volta.

— Talvez você devesse ir ao hospital — eu dirijo as palavras para Lena, mas Alex se mete.

— E dizer o que a eles? Que ela se machucou durante uma batida em uma festa clandestina?

Eu sei que ele estava certo, mas isso não me impede de sentir uma pontada irracional de ressentimento. Eu não gostava da forma como ele agia, como se ele fosse o único que sabia o que era melhor para Lena. E eu não gostava de como ela olhava para ele concordando.

— Não dói tanto assim — a voz de Lena era gentil, apaziguadora, a voz de um pai acalmando uma criança teimosa. Mais uma vez tenho a impressão de vê-la pela primeira vez: ela era como uma imagem atrás de uma tela, toda silhueta e desfocada, e eu mal a reconhecia. Não conseguia mais suportar olhar para ela – Lena, a estranha – então eu me ajoelhei e praticamente acotovelei Alex para o lado.

— Você está fazendo isso errado — digo. — Deixe que eu faça.

— Sim, senhora — ele sai do caminho sem protestar, mas continua abaixado, me olhando trabalhar. Espero que ele não perceba que minhas mãos estão tremendo.

Do nada, Lena começa a rir. Fico tão surpresa que quase deixo cair a gaze quando começava a prendê-la. Quando olho para Lena, ela ria tanto que precisou se dobrar para frente e cobrir a boca com as mãos para abafar o som. Alex a observa por um minuto sem fazer som algum, ele provavelmente estava tão chocado quanto eu, e então ele também começa a rir. Logo os dois estavam se rachando de rir.

E depois eu também ria. O absurdo da situação me atingiu de uma vez: eu vim aqui me desculpar, dizer a Lena que ela estava certa em ser cuidadosa e se manter em segurança, e ao invés disso eu a surpreendo com um rapaz. Não, ainda pior – um Inválido. Depois de todo esse tempo e apesar de todos os seus avisos, Lena é quem pegou *deliria*. Lena é quem guardava o maior segredo – Lena tímida, que nunca gostou de ficar em frente a classe, esteve fugindo e quebrando todas as regras que nos ensinaram. O riso vinha em espasmos. Ri até minha barriga doer e lágrimas escorrerem por meu rosto. Ri até não saber mais se estava rindo ou chorando de novo.

* * * *

O que eu vou lembrar quando esse verão acabar?

Sentimentos iguais de prazer e dor: o calor opressivo, o frio do oceano, tão frio que se alojava em suas costelas e tirava seu fôlego; comer sorvete tão rápido que uma dor se elevava dos dentes até os olhos; tardes longas e entediantes com os Hargroves, me entupir com comidas mais gostosas que eu jamais experimentara em toda a vida; e ficar com Lena e Alex na Rua Brooks 37 nos Highlands, vendo um lindo pôr do sol se espalhando pelo céu, sabendo que estávamos um dia mais perto da cura.

Lena e Alex.

Eu tinha Lena de volta, mas ela mudou, e parecia que a cada dia ela crescia um pouco mais diferente, mais distante, como se eu a observasse caminhar por um corredor escuro. Mesmo quando estávamos sozinhas – o que era raro agora; Alex estava quase sempre conosco – havia uma imprecisão nela, como se ela flutuasse através da vida em meio a um devaneio. E quando estávamos com Alex, eu poderia nem mesmo estar lá. Eles falavam em uma língua de sussurros, risos e segredos; suas palavras eram como um emaranhado de espinhos de contos de fadas que colocava uma parede entre nós.

Eu estou feliz por ela. Eu estou.

E algumas vezes, antes de ir dormir, quando estou mais vulnerável, sinto inveja.

Do que mais eu vou lembrar, se eu não me lembrar de nada?

A primeira vez que Fred Hargrove beijou minha bochecha, seus lábios eram secos na minha pela.

Apostar corrida com Lena até as boias em Back Cove; o jeito que ela sorriu quando confessou ter feito a mesma coisa com Alex; e descobrir, quando voltamos para a praia, que meu refrigerante esquentara a ponto de ser intragável.

Ver Angélica, depois da cura, ajudando a mãe a colher rosas no jardim; o jeito que ela sorriu e acenou feliz, seus olhos desfocados, como se estivessem presos em um ponto imaginário acima da minha cabeça.

Não ver Steve Hilt em lugar algum.

E rumores, rumores persistentes: de Inválidos, de resistência, do crescimento da doença, espalhando sua negritude entre nós. Todos os dias, as ruas ficavam mais e mais cheiras de panfletos. *Recompensa, recompensa, recompensa*.

Recompensa por informação.

Se você vir alguma coisa, diga alguma coisa.

Uma cidade de papel, um mundo de papel: papel farfalhando com o vento, sussurrando para mim, assobiando mensagens venenosas e ciumentas.

Se você vir alguma coisa, diga alguma coisa.

Sinto muito, Lena.

Fim